

JONATHAN FRANZEN

# Liberdade

*Tradução*  
Sérgio Flaksman

---



COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright © 2010 by Jonathan Franzen

*Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,  
que entrou em vigor no Brasil em 2009.*

*Título original*

Freedom

*Capa*

Elisa v. Randon

*Foto de capa*

© Joel Meyerowitz. Cortesia de Edwynn Houk Gallery

*Preparação*

Leny Cordeiro

*Revisão*

Erika Nakahata

Huendel Viana

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Franzen, Jonathan

Liberdade / Jonathan Franzen; tradução Sergio Flaksman —  
São Paulo : Companhia das Letras, 2011.

Título original: Freedom.  
ISBN 978-85-359-1867-0

1. Ficção norte-americana I. Título.

---

11-04060

CDD-813

---

Índice para catálogo sistemático:

1. Ficção : norte-americana 813

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORASCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista 702 cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

[www.companhiadasletras.com.br](http://www.companhiadasletras.com.br)

[www.blogdacompanhia.com.br](http://www.blogdacompanhia.com.br)

*Para Susan Golomb e Jonathan Galassi*

*Ide juntos,*

*Todos grandes vencedores. Eu, velho cágado,  
Baterei asas até algum galho seco, e lá  
Compadre, para nunca mais ser encontrado,  
Lamentar-me até me perder.*

*O conto do inverno*

BONS VIZINHOS

A notícia sobre Walter Berglund não circulou localmente — ele e Patty tinham se mudado para Washington dois anos antes e já não significavam mais nada para St. Paul —, mas o povo de Ramsey Hill não era leal à sua cidade a ponto de deixar de ler o *New York Times*. De acordo com uma longa e nada lisonjeira matéria do *Times*, Walter tinha deixado sua vida profissional em péssima situação na capital federal. Seus ex-vizinhos tiveram alguma dificuldade em conciliar os adjetivos com que o *Times* o qualificava (“arrogante”, “presunçoso”, “eticamente comprometido”) com o vizinho generoso, sorridente e corado que trabalhava na 3M e viajando pedalando até a condução para o trabalho todo dia, subindo a ladeira da Summit Avenue, em plena neve de fevereiro; parecia estranho que Walter, mais verde que o Greenpeace e cujas raízes eram sabidamente rurais, estivesse agora com problemas devidos a tramoias com a indústria do carvão e maus-tratos aos moradores do campo. Se bem que sempre tinha havido algo de estranho na família Berglund.

Walter e Patty foram os jovens pioneiros de Ramsey Hill — o primeiro casal de formação universitária a comprar uma casa na Barrier Street desde que o antigo coração de St. Paul sofrera um declínio considerável três décadas antes. Pagaram uma mixaria por sua casa vitoriana e depois se mataram por dez anos fazendo uma reforma completa. Nos primeiros tempos, alguém

muito determinado incendiou a garagem e arrombou duas vezes o carro antes que a garagem fosse reconstruída. Motociclistas bronzeados acorriam para o terreno baldio do outro lado do acesso da casa para tomar Schlitz, grelhar sal-sichões e fazer roncar seus motores de madrugada, até que um dia Patty saiu de casa com roupas de exercício e disse, “Escutem aqui, sabem de uma coisa?”. Patty não metia medo em ninguém, mas tinha sido uma atleta de destaque na escola secundária e na faculdade, e era dotada do destemor dos esportistas. Desde o primeiro dia em que se instalara naquela área, não tinha como deixar de chamar atenção. Alta, de rabo de cavalo, absurdamente jovem, empurrando um carrinho de bebê pelas ruas tomadas de carros depenados, garrafas de cerveja quebradas e neve velha coberta de vômito, ela parecia carregar todas as horas do dia nas bolsas de rede que pendiam do seu carrinho. Era possível imaginá-la, antes daquele momento, às voltas com os complexos preparativos relacionados ao bebê para uma complexa manhã de compras com o bebê; e, depois, podia-se vê-la à tarde, o rádio ligado na emissora pública, o *Livro de cozinha do Silver Palate*, fraldas de pano, o trabalho com divisórias e tinta à base de látex, em seguida o livro infantil *Boa noite, lua*, depois vinho Zinfandel. Ela já atingira o estágio pleno da coisa que apenas começava a acontecer no resto da rua.

Nos primeiros anos, quando ainda era possível ter um Volvo 240 sem ficar encabulado, o projeto coletivo de Ramsey Hill era readquirir certas habilidades elementares que os pais daqueles moradores tinham fugido dos subúrbios exatamente para desaprender, como de que maneira conseguir motivar a polícia local a de fato fazer o seu trabalho, e como proteger a bicicleta de um ladrão muito motivado, e quando era preciso se dar ao trabalho de expulsar um bêbado de suas cadeiras de jardim, e como ensinar gatos ferozes a cagar na caixa de areia das crianças dos outros, e como determinar se uma escola pública era ruim demais para se fazer qualquer tentativa de salvá-la. Havia também questões mais contemporâneas, como, era mesmo o caso de usar fraldas de pano? O trabalho valia a pena? E era verdade que ainda havia quem entregasse leite em casa em frascos de vidro? Os escoteiros eram aceitáveis do ponto de vista político? O trigo-sarraceno era mesmo necessário? Onde reciclar as pilhas? Como reagir quando uma pessoa pobre e de cor nos acusa de estragar sua vizinhança? É verdade que o verniz usado nas louças de cerâmica grossa Fiesta-ware contém uma quantidade perigosa de chumbo? Até que ponto o filtro de

água da cozinha precisa ser moderno? O seu Volvo 240 às vezes não deixa de entrar em *overdrive* quando você aperta o botão de *overdrive*? Era melhor oferecer comida aos pedintes, ou nada? Seria possível criar filhos confiantes, felizes e brilhantes como nunca, com um emprego de tempo integral? Os grãos de café podiam ser moídos na véspera do uso, ou só na própria manhã? Alguém em toda a história de St. Paul já tivera alguma experiência positiva com um colocador de telhado? E um bom mecânico de Volvo? O seu 240 também tinha algum problema com o cabo do freio de mão, que tendia a emperrar? E o botão com a etiqueta enigmática no painel, que produzia um clique sueco perfeito, mas dava a impressão de não estar ligado a nada: que *diabo* era aquilo?

Em qualquer caso de dúvida, você podia recorrer a Patty Berglund, uma ensolarada transportadora do pólen social, uma abelha afável. Era uma das poucas mães de Ramsey Hill que não trabalhavam fora, e famosa por sua aversão a falar bem de si mesma ou mal de qualquer outra pessoa. Dizia que um dia desses podia ser “decapitada” por uma das janelas de guilhotina cujos cabos acabara de trocar. Seus filhos “deviam” estar morrendo de triquinose por causa da carne de porco que ela servia malpassada. E ela se perguntava se o seu “vício” nos vapores de removedor de tinta podia estar ligado de alguma forma ao fato de que “nunca mais” tinha lido um livro. Revelava que fora “proibida” de pôr fertilizante nas flores de Walter depois do que tinha acontecido “da última vez”. Havia gente a quem aquele seu estilo autodepreciativo não agradava nem um pouco — detectavam aí certa condescendência, como se, ao exagerar seus pequenos defeitos, Patty tentasse obviamente demais poupar os sentimentos de donas de casa menos competentes. Mas a maioria achava sua humildade sincera, ou pelo menos divertida, e de qualquer maneira era difícil resistir àquela mulher de quem seus filhos gostavam tanto e que se lembrava não só do aniversário de cada um como do seu também, e vinha bater à sua porta dos fundos com uma travessa de biscoitos caseiros ou um cartão e um punhado de lírios-do-vale num vasinho de loja de quinquilharias que ela dizia que não precisava devolver.

Sabia-se que Patty fora criada na Costa Leste, num subúrbio de Nova York, e conseguira uma das primeiras bolsas integrais de mulheres para jogar basquete em Minnesota, onde, em seu último ano, segundo uma placa que ficava na parede do escritório de Walter em casa, chegara à reserva da seleção americana. Uma coisa estranha em relação a Patty, tendo em vista sua forte

orientação familiar, era o fato de não ter uma ligação perceptível com suas raízes. Muitos meses se passavam sem que ela pusesse o pé fora de St. Paul, e não estava claro se alguém proveniente do Leste, nem mesmo seus pais, algum dia tinha vindo visitá-la. Se você lhe perguntasse à queima-roupa como eram seus pais, ela respondia que os dois ajudavam muito inúmeras pessoas, o pai tinha um escritório de advocacia em White Plains e a mãe era política, pois é, deputada do estado de Nova York. Depois assentia enfaticamente com a cabeça e dizia, “Pois é, é o que eles fazem”, como se isso esgotasse o assunto.

Convencer Patty que alguém se comportava “mal” era um verdadeiro empreendimento. Quando lhe contaram que Seth e Merrie Paulsen iam dar uma enorme festa de Halloween para os gêmeos e tiveram o cuidado de convidar todas as crianças do quarteirão menos Connie Monaghan, Patty só comentou que era muito “estranho”. No seu encontro seguinte com o casal Paulsen na rua, eles explicaram que tinham passado o verão inteiro tentando fazer a mãe de Connie Monaghan, Carol, parar de jogar pontas de cigarro da janela do quarto na piscininha rasa dos gêmeos. “É muito estranho mesmo”, concordou Patty, balançando a cabeça, “mas, sabe, não é culpa da Connie.” Mas os Paulsen não ficaram satisfeitos com “estranho”. Queriam *sociopata*, queriam *passiva-agressiva*, queriam *má*. Precisavam que Patty escolhesse um desses epítetos e concordasse com eles que era aplicável a Carol Monaghan, mas Patty era incapaz de ir além de “estranho”, e em resposta os Paulsen se recusaram a acrescentar Connie à sua lista de convidados. Patty ficou tão irritada com essa injustiça que levou seus filhos, mais Connie e uma amiguinha da escola, a uma plantação de abóboras e um passeio de charrete na tarde da festa, mas a pior coisa que ela diria em voz alta sobre o casal Paulsen era que aquela maldade deles com uma menina de sete anos era muito estranha.

Carol Monaghan era a única outra mãe da Barrier Street que morava lá havia tanto tempo quanto Patty. Mudara-se para Ramsey Hill no que se poderia chamar de um programa de intercâmbio funcional, tendo sido secretária de algum alto mandatário do condado de Hennepin que a fizera mudar-se da sua área depois de engravidá-la. Manter a mãe de seu filho ilegítimo na folha de pagamento do escritório: no final dos anos 70, não havia mais muitas jurisdições da área das Cidades Gêmeas (Minneapolis/St. Paul) onde isso fosse considerado procedimento aceitável de boa governança. Carol se transformou numa dessas funcionárias meio distraídas e relapsas numa repartição de

licenciamento da cidade, enquanto uma pessoa de St. Paul com recomendação equivalente era contratada do outro lado do rio. O aluguel da casa na Barrier Street, ao lado da família Berglund, fora supostamente incluído no acordo; de outra maneira, não era fácil imaginar por que Carol teria concordado em ir morar numa vizinhança que, na época, não passava de um amontoado de cortiços. Uma vez por semana, no verão, um menino de olhos vazios usando um macacão do Departamento de Parques chegava ao final da tarde numa caminhonete 4 × 4 sem qualquer insígnia e passava um cortador pelo seu gramado, e no verão o mesmo menino aparecia para tirar a neve de suas calçadas.

Ao final dos anos 80, Carol era a única moradora que não tinha chegado à área num esforço de retomada da vizinhança pela classe média. Fumava Parliament, oxigenava o cabelo, transformava as unhas em presas temíveis, alimentava a filha com produtos superindustrializados e chegava muito tarde em casa nas noites de quinta-feira (“É a noite de folga da mamãe”, explicava ela, como se todas as mães tirassem uma noite de folga por semana), entrando em silêncio na casa dos Berglund com a chave que lhe tinham dado e recolhendo Connie adormecida no sofá onde Patty a acomodara com vários cobertores. Patty era implacavelmente generosa, oferecendo-se para tomar conta de Connie enquanto Carol trabalhava, fazia compras ou se dedicava aos seus afazeres de quinta à noite, e Carol contava com ela para muitas e muitas horas de cuidados gratuitos à filha. Não podia escapar à atenção de Patty que Carol retribuía aquela generosidade ignorando a filha de Patty, Jessica, e dedicando um carinho excessivo ao seu filho Joey (“Que tal mais um beijão aqui da coroa?”), e se aproximando muito de Walter nas ocasiões em que a vizinhança se reunia, com suas blusas finíssimas e seus saltos de garçonete, cobrindo de elogios a competência de Walter nos serviços domésticos e guinchando de rir de tudo que ele dizia; mas por muitos anos o pior que Patty já disse de Carol foi que as mães solteiras tinham uma vida muito dura e que se Carol às vezes era estranha com ela devia ser por uma questão de orgulho.

Para Seth Paulsen, que para o gosto da sua mulher falava um pouco demais de Patty, o casal Berglund era do tipo liberal superculpado que precisa perdoar todo mundo para que sua própria boa sorte seja perdoada; a quem falta a coragem do seu privilégio. Um dos problemas da teoria de Seth é que os Berglund nem eram tão privilegiados assim; a única propriedade que tinham

era a casa, que haviam reformado com as próprias mãos. Outro problema, assinalado por Merrie Paulsen, era que Patty não era muito progressista e muito menos feminista (em casa com sua agenda de aniversários, assando aqueles malditos biscoitinhos de aniversário), e parecia totalmente alérgica à política. Se você mencionasse a ela alguma eleição ou um candidato qualquer, podia ver que ela se esforçava muito mas não conseguia manter a alegria de sempre — ficava agitada e assentia demais com a cabeça, começando a gaguejar. Merrie, que era dez anos mais velha que Patty e cuja aparência não negava nenhum desses anos, tinha atuado no grupo Estudantes para uma Sociedade Democrática de Madison e hoje em dia atuava com vigor na moda do Beaujolais *nouveau*. Quando Seth, num jantar, mencionou Patty pela terceira ou quarta vez, Merrie assumiu um tom vermelho *nouveau* no rosto e declarou que não havia *nenhuma* consciência mais ampla, *nenhuma* solidariedade, *nenhuma* substância política, *nenhuma* estrutura mensurável, *nenhum* senso verdadeiro de comunidade nos hábitos de aparente boa vizinha de Patty Berglund, era tudo conversa fiada de regressão às alegrias da vida de dona de casa e, aqui entre nós, na opinião de Merrie, se a gente raspasse um pouco aquele verniz de tudo bem haveria encontrar alguma coisa bem áspera, egoísta, competitiva e reaganesca em Patty; era óbvio que ela só dava importância aos filhos e à sua casa — e *não* aos vizinhos, *nem* aos pobres, *nem* ao país, *nem* aos pais dela, nem mesmo ao respectivo marido.

E Patty era inegavelmente muito apaixonada pelo filho. Embora Jessica fosse a filha que dava aos pais mais motivos óbvios de orgulho — encantada com os livros, apaixonada pela natureza, flautista de talento, aguerrida no campo de futebol, cobiçada como *baby-sitter*, não bonita demais para ser moralmente deformada pela boa aparência, admirada até por Merrie Paulsen —, Joey era o filho sobre quem Patty nunca se cansava de falar. A seu modo riso-nho, confidente e autodepreciativo, ela despejava uma cachoeira de detalhes em estado bruto sobre suas dificuldades com ele. A maioria de suas histórias assumia a forma de queixa, mas ainda assim ninguém duvidava de sua adoração pelo menino. Lembrava uma mulher deplorando o comportamento de um namorado lindo mas meio boçal. Como se ficasse orgulhosa de ter o coração pisoteado por ele; como se o fato de manter o coração aberto para ele pisotear fosse a coisa principal, talvez a única coisa, que ela queria que o mundo soubesse a seu respeito.

“Ele é um pentelho”, disse ela às outras mães durante o longo inverno da Guerra da Hora de Dormir, quando Joey decidiu garantir seu direito a ficar acordado até a mesma hora que Patty e Walter.

“Faz pirraça? Fica chorando?”, perguntaram as outras mães.

“Está brincando?”, respondeu Patty. “Quem me *dera* que ele chorasse. Chorar seria uma coisa normal, e acabaria parando.”

“E o que ele faz?”, perguntaram as mães.

“Ele questiona a base da nossa autoridade. Nós mandamos apagar as luzes, mas a posição dele é que só devia ir dormir na hora em que nós apagamos as nossas luzes, porque ele é exatamente igual a nós. E, juro por Deus, é uma coisa automática, a cada quinze minutos, garanto que ele fica olhando para o despertador, porque a cada quinze minutos ele grita, ‘Ainda estou acordado! Ainda acordado!’. Num tom de *desprezo*, ou de sarcasmo, é *muito* estranho. E eu peço a Walter pelo amor de Deus para não cair na armadilha, mas não adianta, já são quinze para a meia-noite de novo, Walter entrou no quarto de Joey no escuro e estão discutindo mais uma vez sobre a diferença entre adultos e crianças, e se uma família é uma democracia ou uma ditadura benevolente, até que finalmente sou *eu* que perco totalmente a esportiva e fico deitada na cama, choramingando, ‘Por favor, por favor, parem com isso.’”

Merrie Paulsen não achava graça nas histórias de Patty. Tarde da noite, enfiando os pratos do jantar na máquina de lavar louça, observou para Seth que não era de espantar que Joey ficasse confuso com a distinção entre crianças e adultos — já que a mãe dele parecia sofrer de certa dúvida quanto a qual categoria ela própria pertencia. E Seth não tinha notado, nas histórias de Patty, como a disciplina sempre vinha de Walter, como se Patty não passasse de alguma espectadora incompetente a quem só coubesse ser engracadinha?

“O que eu me pergunto é se ela é mesmo apaixonada por Walter,” ponderou Seth com otimismo, desarrolhando uma última garrafa. “Quer dizer, fisicamente.”

“O subtexto é sempre o mesmo: ‘Meu filho é fora do comum’”, disse Merrie. “Ela está sempre se queixando do quanto ele é capaz de prestar atenção nas coisas.”

“Ora, a bem da verdade”, disse Seth, “faz parte da teimosia dele. Uma paciência infinita para desafiar a autoridade de Walter.”

“Tudo que ela diz sobre ele é uma forma de se gabar pelo avesso.”

“É você, nunca se gaba?”, implicou Seth.

“É provável”, respondeu Merrie, “mas pelo menos tenho uma consciência mínima da maneira como as pessoas me ouvem. E a minha ideia do meu próprio valor não depende do quanto nossos filhos são fora do comum.”

“Você é a mãe perfeita”, implicou Seth.

“Não, Patty é que é”, respondeu Merrie, aceitando mais um pouco de vinho. “Eu só sou muito boa.”

As coisas, queixava-se Patty, eram sempre muito fáceis para Joey. Ele tinha cabelos dourados, era bonito e parecia ter de nascença todas as respostas para todas as provas que qualquer escola pudesse lhe aplicar, como se sequências de As, Bs, Cs e Ds em múltipla escolha fizessem parte da codificação de seu DNA. Ele se mostrava incrivelmente à vontade com vizinhos cinco vezes mais velhos. Quando sua escola ou sua patrulha de escoteiros o obrigava a vender doces ou bilhetes de rifa de porta em porta, ele falava com franqueza sobre a “vigarice” de que estava participando. Aperfeiçoou um sorriso altamente irritante de condescendência quando deparava com brinquedos ou jogos que os outros meninos tinham mas Patty e Walter se recusavam a comprar para ele. Para extinguir aquele sorriso, seus amigos faziam questão de dividir o que tinham com ele, de maneira que Joey se tornou um craque em videogames muito embora seus pais fossem contra o videogame, e desenvolveu uma familiaridade enciclopédica com o hip-hop que os pais faziam o possível e o impossível para manter distante de seus ouvidos de pré-adolescente. Não tinha mais que onze ou doze anos quando, à mesa do jantar, segundo Patty, chamou por acaso ou intencionalmente o próprio pai de “meu filho”.

“Posso dizer que Walter não ficou nada feliz com isso”, disse ela às outras mães.

“Mas é assim que os adolescentes todos se tratam hoje em dia”, disseram as mães. “É uma coisa que tem a ver com o rap.”

“Foi o que Joey disse”, respondeu Patty. “Disse que era só uma palavra, e nem mesmo um palavrão. E é claro que Walter não concordou. E eu sentada lá, só pensando, ‘Walter, Wal-ter, não a-cei-te pro-vo-ca-ção, nem a-di-an-ta dis-cu-tir’, mas nada, ele cisma de explicar por que, por exemplo, apesar de ‘garoto’ não ser palavrão, você não pode usar com um homem adulto, especialmente se for preto, mas, é claro, o problema de Joey é que ele se recusa a admitir qualquer diferença entre crianças e adultos, e assim

a discussão termina com Walter dizendo que ele vai ficar sem sobremesa, ao que Joey responde que nem queria, pois na verdade nem *gosta* mais de sobremesa, e eu lá sentada, só pensando, ‘Walter, Wal-ter, não a-cei-te pro-vo-ca-ção’, mas Walter não consegue — precisa *provar* a Joey que na verdade Joey sempre *adorou* sobremesa. Mas Joey se recusa a aceitar o que Walter diz. Mentindo descaradamente, é claro, mas diz que só se servia duas vezes de sobremesa em algumas ocasiões porque era de praxe, e não porque ele gostasse, e o pobre Walter, que não suporta que lhe contem mentiras, diz, ‘Muito bem, se você não gosta de sobremesa, então que tal ficar *um mês* sem sobremesa?’, e aí eu pensei, ‘Ah, Walter, Wal-ter, is-so não vai a-ca-bar bem’, porque Joey só responde, ‘Fico *um ano* sem sobremesa, *nunca mais* como sobremesa, só na casa dos outros para não fazer desfeita’, o que, por mais esquisito que pareça, é uma ameaça bem verossímil — ele é tão teimoso que provavelmente deve conseguir. E eu digo, ‘Calma, pessoal, tempo, sobremesa é um alimento importante, não vamos exagerar’, o que na mesma hora esvazia a autoridade de Walter, e como toda a discussão era para provar a autoridade dele, consigo desfazer o pouco que ele tinha conseguido de positivo.”

A outra pessoa que tinha adoração incondicional por Joey era a filha de Carol Monaghan, Connie. Era uma pessoa séria e calada com o hábito desconcertante de sustentar o olhar alheio sem piscar, como se ela e quem a fitasse não tivessem nada em comum. Era presença vespertina constante na cozinha de Patty, esforçando-se para moldar massa de biscoito em esferas geometricamente perfeitas, caprichando tanto que a manteiga derretia e fazia a massa escurecida cintilar. Patty formava onze bolinhas para cada uma de Connie, e, quando estas saíam do forno, Patty nunca deixava de pedir licença a Connie para comer o “único biscoito” (pequeno, mais chato e mais duro) “realmente incrível”. Jessica, que era um ano mais velha que Connie, parecia conformada em ceder a cozinha para a garota ao lado enquanto lia seus livros ou brincava com seus terrários. Connie não representava ameaça alguma para uma menina tão equilibrada como Jessica. Connie não tinha a menor ideia do que era equilíbrio — era só profundidade, sem nenhuma largura. Quando coloria um desenho, concentrava-se, perdida em saturar uma ou duas áreas com uma caneta de ponta de feltro, deixando o resto em branco e ignorando os animados incentivos de Patty para usar outras cores.

A intensidade do interesse de Connie por Joey era evidente desde muito cedo para todas as mães da área, menos, ao que parecia, para Patty, talvez porque Patty fosse ela própria tão apaixonada por ele. No parque Linwood, onde Patty às vezes organizava esportes para as crianças, Connie ficava sentada à parte na grama, compondo guirlandas de cravos para ninguém, deixando os minutos escorrerem ao largo até ser a vez de Joey rebater ou ele acertar um bom chute na bola de futebol, o que despertava momentaneamente seu interesse. Ela era como um amigo imaginário, só que visível. Joey, em seu precoce autocontrole, raras vezes achava necessário maltratá-la diante dos amigos, e Connie, por sua vez, sempre que notava que os meninos estavam a ponto de adotar um comportamento de meninos, sabia perfeitamente que era hora de recuar e desmaterializar-se sem dar um pio. Sempre havia o dia de amanhã. Por muito tempo, também sempre havia a presença de Patty, ajoelhada em sua horta ou em cima de uma escada vestindo uma camisa de flanela salpicada de tinta, dedicada ao trabalho de Sísifo de manter a casa vitoriana bem pintada. Quando Connie não podia ficar ao lado de Joey, pelo menos podia ser-lhe útil fazendo companhia à mãe dele em sua ausência. “Seu dever de casa já está pronto?”, perguntava Patty do alto da ladeira. “Quer alguma ajuda?”

“Minha mãe vai me ajudar quando chegar em casa.”

“Ela vai estar cansada, já vai ser tarde. Você pode fazer uma surpresa para ela, e ficar com o dever pronto desde já. Quer fazer assim?”

“Não, eu espero.”

Quando exatamente Connie e Joey começaram a trepar ninguém sabia. Seth Paulsen, sem nenhuma prova, simplesmente para deixar os outros perturbados, gostava de conjecturar que Joey tinha onze anos e Connie, doze. A especulação de Seth girava em torno da privacidade que lhes era conferida por uma casa na árvore que Walter ajudara Joey a construir numa antiga macieira silvestre do terreno baldio. Quando Joey terminou a oitava série, seu nome aparecia nas respostas de todos os meninos às extenuantes pesquisas casuais de pais e mães sobre o comportamento sexual de seus colegas, e mais tarde pareceu provável que Jessica tivesse tomado conhecimento de alguma coisa no final daquele verão — de uma hora para outra, sem explicar por quê, começou a demonstrar um desdém marcante tanto por Connie como pelo irmão. Mas ninguém nunca viu os dois a sós até o inverno seguinte, quando ingressaram juntos no mundo dos negócios.

Segundo Patty, a lição que Joey aprendera com suas incessantes discussões com Walter tinha sido a de que as crianças são obrigadas a obedecer aos pais porque os pais é que têm dinheiro. E a ideia se tornou mais uma amostra do quanto Joey era fora do comum: enquanto as outras mães deploravam o ar de direito adquirido com que seus filhos lhes exigiam dinheiro, Patty caricaturava aos risos a tristeza de Joey por depender de Walter para o seu sustento. Os vizinhos que contratavam Joey sabiam que seu empenho para abrir caminho na neve ou recolher folhas caídas era surpreendente, mas Patty dizia que no fundo ele odiava o pouco dinheiro que isso lhe rendia e sentia que usar a pá para limpar a neve da calçada de algum adulto o punha numa relação indesejável com o adulto em questão. Os esquemas ridículos para arrecadar dinheiro sugeridos nas publicações dos escoteiros — vender assinaturas de revistas de porta em porta, aprender alguns truques e cobrar entrada para espetáculos de magia, adquirir as ferramentas para a prática da taxidermia e empalhar as trutas premiadas dos vizinhos —, todos recendiam igualmente a vassalagem (“sou um taxidermista da classe dominante”) ou, pior, a caridade. E assim, inevitavelmente, em seu ímpeto de libertar-se de Walter, ele foi atraído pelo mundo empresarial.

Alguém, talvez a própria Carol Monaghan, pagava as mensalidades de Connie numa pequena escola católica, St. Catherine, onde as garotas usavam uniforme e não podiam exibir nenhuma joia, com a exceção de um anel (“simples, sem pedras”), um relógio (“simples, sem pedrarias”) e dois brincos (“simples, sem pedras, no tamanho máximo de um centímetro”). Ocorre que uma das meninas mais populares da nona série na escola de Joey, a Central High, tinha voltado de uma viagem de família a Nova York com um relógio barato, amplamente admirado na hora do almoço, em cuja pulseira amarela de aparência mastigável um vendedor de rua da Canal Street tinha aplicado com calor letras plásticas de um cor-de-rosa de chiclete com um trecho de letra do Pearl Jam, NÃO ME CHAME DE FILHA, a pedido da garota. Como o próprio Joey mais tarde contaria em suas redações de candidatura a várias faculdades, ele imediatamente tomou a iniciativa de localizar o fornecedor daquele relógio no atacado e o preço de uma prensa a calor para aplicar letras em pulseiras. Investiu quatrocentos dólares de suas economias no equipamento, fez uma pulseira de amostra para Connie (dizendo PRONTA PARA O ATAQUE) exibir no St. Catherine, e então, usando Connie como mensageira, vendeu relógios personalizados a pelo menos um quarto das colegas de escola dela, a trinta

dólares cada, antes que as freiras tomassem conhecimento do que vinha acontecendo e emendassem as regras de vestuário para proibir pulseiras de relógio com texto gravado. O que, evidentemente — como contou Patty às outras mães —, foi recebido por Joey como um absurdo.

“Não é um absurdo”, disse-lhe Walter. “Você estava se beneficiando de uma restrição artificial ao comércio. Não vi você se queixar das regras quando elas funcionavam a seu favor.”

“Mas eu fiz um investimento. Corri um risco.”

“Estava explorando uma omissão nas regras, e a omissão foi remediada. Você não percebeu que isso ia acontecer?”

“E por que você não me avisou?”

“Foi o que eu fiz.”

“Só me disse que eu podia perder dinheiro.”

“Pois é, e nem perder dinheiro você perdeu. Só não ganhou tanto quanto esperava.”

“Mas ainda tinha muito a ganhar.”

“Joey, ganhar dinheiro não é um *direito*. Você está vendendo uma porcaria de que essas garotas não precisam, e algumas delas nem deviam ter comprado. É por isso que a escola de Connie tem uniforme e regras — para ser justa com todo mundo.”

“Pois é — com todo mundo, *menos comigo*.”

Pela maneira como Patty contava essa conversa, rindo da inocente indignação de Joey, ficou claro para Merrie Paulsen que Patty ainda não fazia ideia do que vinha acontecendo entre o filho dela e Connie Monaghan. Para se certificar, Merrie sondou um pouco mais. O que Patty achava que Connie vinha recebendo pela parte dela do trabalho? Estaria trabalhando por comissão?

“Ah, nós dissemos que ele devia dar metade dos lucros a ela”, respondeu Patty. “Mas já era a ideia dele de qualquer jeito. Ele sempre é muito protetor com ela, apesar de ser mais novo.”

“São como irmãos...”

“Não, na verdade,” gracejou Patty, “ele trata Connie bem melhor que isso. Pergunte só a Jessica como é ser irmã dele.”

“Ah, isso mesmo, rá rá”, respondeu Merrie.

Para Seth, mais tarde, Merrie relatou, “É impressionante, ela realmente não faz a menor ideia”.

“Acho errado”, disse Seth, “a pessoa extrair prazer da ignorância de outro pai ou mãe. É desafiar o destino, você não acha?”

“Desculpe, mas é engraçado demais, uma delícia. Você vai ter de se privar de rir por nós dois e não mexer com o destino.”

“Fico com pena dela.”

“Bom, me perdoe, mas eu acho hilário.”

Perto do fim daquele inverno, em Grand Rapids, a mãe de Walter desmaiou com uma embolia pulmonar no chão da loja de roupas femininas onde trabalhava. A Barrier Street conhecia a sra. Berglund por suas visitas na época do Natal, nos aniversários das crianças e no aniversário dela própria, no qual Patty sempre a levava a uma massagista local e a entupia de alcaçuz, macadâmia e chocolate branco, suas guloseimas favoritas. Merrie Paulsen se referia a ela, não sem alguma gentileza, como “sra. Bianca”, pela semelhança com a ratinha matrona de óculos dos livros infantis das histórias de Bernardo e Bianca, de Margery Sharp. A sra. Berglund tinha um rosto enrugado como crepe, que já fora bonito, e tremores no queixo e nas mãos, uma das quais tinha sido bastante maltratada por uma artrite na infância. Estava exausta, fisicamente destruída, dizia Walter em tom amargo, devido a uma vida inteira de trabalhos forçados a que fora perigada por seu pai bêbado, no motel de beira de estrada de que os dois cuidavam perto de Hibbing, mas estava determinada a permanecer independente e vestir-se bem em seus anos de viuvez, de maneira que continuava a dirigir diariamente seu Chevrolet Cavalier até a loja de roupas. Ao saberem de seu desmaio, Patty e Walter seguiram na mesma hora para o norte, deixando Joey aos cuidados de sua desdenhosa irmã mais velha. Foi pouco depois do festival adolescente de sexo que Joey promoveu em seu quarto em desafio aberto a Jessica, e que só terminou com a morte súbita e o enterro da sra. Berglund, que Patty se transformou numa vizinha muito diferente, muito mais sarcástica.

“Ah, Connie, sei”, dizia agora o seu estribilho, “uma garota ótima, tão quietinha e inofensiva, com uma mãe que é uma joia. Sabe, ouvi dizer que Carol está de namorado novo, um homem de verdade, bem forte, mais ou menos com metade da idade dela. Não seria terrível se elas se mudassem logo agora, depois de tudo que Carol fez para alegrar as nossas vidas? E Connie, ah, eu vou sentir muita saudade dela também. Rá rá. Tão quietinha, boazinha e agradecida por tudo.”

Patty estava com péssima aparência, o rosto cinzento, maldormida, subnutrida. Demorara muito para começar a exibir idade, mas afinal Merrie Paulsen fora recompensada por sua longa espera.

“Agora não há dúvida de que ela descobriu”, disse Merrie a Seth.

“Roubaram seu filhote — o maior dos crimes”, disse Seth.

“Roubo, exatamente”, disse Merrie. “Coitadinho de Joey, inocente e sem culpa, roubado por aquela poderosa intelectual da casa ao lado.”

“Bom, ela é um ano e meio mais velha que ele.”

“Cronologicamente.”

“Diga o que quiser”, retrucou Seth, “mas Patty adorava a mãe de Walter. Deve estar sofrendo bastante.”

“Ah, eu sei, eu sei. Seth, eu sei. E agora posso ficar triste por ela de verdade.”

Vizinhos mais próximos da família Berglund que o casal Paulsen contaram que a srt. Bianca tinha deixado de herança sua casinha de rato, à beira de um lago perto de Grand Rapids, exclusivamente para Walter e não para os dois irmãos dele. Dizem que houve certo desentendimento entre Walter e Patty em torno da maneira certa de cuidar da questão: Walter queria vender a casa e dividir o apurado com os irmãos, e Patty insistia com ele para respeitar o desejo materno de recompensá-lo por ter sido um bom filho. O irmão mais novo era militar de carreira e vivia no deserto de Mojave, na base local da Força Aérea, enquanto o mais velho tinha dedicado toda a vida adulta a dar prosseguimento ao programa iniciado pelo pai, de beber sem moderação, explorar a mãe deles financeiramente e, afora isso, relegá-la ao esquecimento. Walter e Patty sempre tinham levado as crianças para passar uma ou duas semanas na casa da mãe dele durante as férias de verão, carregando consigo muitas vezes uma ou duas das amigas de Jessica da vizinhança, que descreviam a propriedade como rústica, no meio de um bosque e nem tão horrível assim em matéria de insetos. Como uma gentileza, talvez, para com Patty, que parecia vir se dedicando, por seu lado, a algum consumo imoderado de bebidas — o rosto dela de manhã, quando saía para recolher o *New York Times* embrulhado em azul e o *Star-Tribune* embrulhado em verde da varandinha em frente à casa, era puro branco-Chardonnay —, Walter acabou concordando em conservar a casa para as férias, e em junho, assim que as aulas acabaram, Patty viajou para lá com Joey para ajudá-la a esvaziar as gavetas, limpar e pintar a casinha enquanto Jessica ficava em casa com Walter e fazia um curso de férias sobre poesia.

Vários vizinhos, entre os quais não se incluiu o casal Paulsen, levaram seus meninos para visitar a casinha à beira do lago naquele verão. Encontraram Patty com uma disposição muito melhor. Um pai em particular incitou Seth a imaginá-la bronzeada e descalça, usando um maiô inteiro preto e jeans sem cinto, imagem muito ao gosto de Seth. Em público, todos observaram como Joey se mostrava atento e animado, e como ele e Patty pareciam estar se divertindo juntos. Os dois fizeram todos os visitantes participarem de um complicado jogo de salão que chamavam de Associações. Patty ficava até tarde diante do móvel que continha a TV de sua sogra, distraindo Joey com seu vasto conhecimento dos seriados televisivos cômicos dos anos 60 e 70. Joey, tendo descoberto que aquele lago não aparecia identificado nos mapas locais — na verdade não passava de um açude maiorzinho —, decidira batizá-lo de lago Sem Nome, e Patty pronunciava esse nome em tom carinhoso e sentimental, “nossa lago Sem Nome”. Quando Seth Paulsen soube por um dos pais que tinham ido até lá que Joey trabalhava muitas horas por dia na casa, limpando calhas, cortando mato e raspando tinta, ponderou se Patty estaria pagando um bom salário por seus serviços, se esse acerto faria parte do acordo. Mas ninguém sabia dizer.

Quanto a Connie, bastava que os Paulsen olhassem por uma das janelas que dava para sua casa para vê-la à espera. Era de fato uma garota muito paciente, tinha o metabolismo de um peixe no inverno. Trabalhava à noite servindo mesas no W. A. Frost, mas passava as tardes inteiras dos dias de semana esperando nos degraus da frente da casa enquanto caminhões de sorvete passavam e crianças menores brincavam, e nos fins de semana se instalava numa cadeira de jardim atrás da casa, espiando ocasionalmente na direção do trabalho ruidoso, desordenado e violento de derrubada de árvores e construção que o novo namorado de sua mãe, Blake, tinha empreendido com seus amigos não sindicalizados do ramo da construção, mas quase sempre só esperando.

“E então, Connie, o que tem acontecido de interessante na sua vida?”, perguntou-lhe Seth da entrada da casa.

“Além de Blake?”

“É, além de Blake.”

Connie refletiu um pouco e depois sacudiu a cabeça. “Nada”, disse ela.

“Está entediada?”

“Mais ou menos.”

“Tem ido ao cinema? Leu algum livro?”

Connie fixou em Seth seus olhos bem abertos, seu olhar de não-temos-nada-em-comum. “Eu vi *Batman*.”

“E Joey? Vocês estavam sempre juntos, aposto que está com saudade dele.”

“Ele vai voltar”, disse ela.

Depois que a antiga questão das pontas de cigarro foi resolvida — Seth e Merrie admitiram que podiam ter exagerado na contagem das pontas de cigarro na piscininha durante o verão; e que podem ter tido uma reação igualmente excessiva —, descobriram em Carol Monaghan uma rica fonte de histórias sobre a atividade local do Partido Democrata, em que Merrie vinha se envolvendo cada vez mais. Em tom casual, Carol lhes contava coisas de arrepiar os cabelos sobre as sujeiras da máquina, os dutos subterrâneos por onde corria a lama, as concorrências armadas, as barreiras de sigilo permeáveis, operações matemáticas peculiares, e se divertia à grande com o horror de Merrie. Merrie acabou adotando Carol como sua amostra de estimação em carne e osso da corrupção política que Merrie pretendia combater. E a melhor parte de Carol é que ela aparentemente nunca mudava — continuava a se enfeitar nas noites de quinta-feira para quem fosse, ano após ano após ano, mantendo viva a tradição do patriarcado na política municipal americana.

E então, um belo dia, ela mudou. E muita gente andava mudando por toda a área. O prefeito da cidade, Norm Coleman, converteu-se em republicano, e um ex-profissional da luta livre venceu as eleições para governador. No caso de Carol, o catalisador foi seu novo namorado, Blake, um jovem operador de retroescavadeira de cavanhaque que conhecera do outro lado do balcão da repartição de licenciamento, e por quem mudou radicalmente de aparência. Livrou-se dos penteados mais complexos e das roupas de garota de programa, passou a usar calças justas, um corte repicado e menos maquiagem. Uma Carol que ninguém jamais tinha visto, uma Carol feliz de verdade, saltava animada da picape F-250 de Blake, deixando escapar hinos do rock que ribombavam pela rua, depois batia a porta do lado do passageiro com um vigoroso empurrão. Logo Blake começou a passar as noites na casa dela, andando de um lado para o outro com uma camiseta dos Vikings, as botas de trabalho desamarradas e uma lata de cerveja na mão, e dali a pouco estava abatendo com a serra elétrica cada uma das árvores do quintal atrás da casa e pintando o sete com uma

retroescavadeira alugada. No para-choque de sua picape figuravam as palavras SOU BRANCO E ELEITOR.

O casal Paulsen, que pouco antes tinha terminado uma reforma havia muito adiada, hesitou em se queixar do barulho e da sujeira da obra, e Walter, por outro lado, era gentil demais ou estava ocupado além da conta, mas quando Patty finalmente voltou para casa, no final de agosto, depois de seus meses de retiro com Joey, ficou de queixo caído, andando de um lado para o outro na rua, de porta em porta, com os olhos arregalados, dizendo cobras e lagartos de Carol Monaghan. “Desculpe”, dizia ela, “mas o que aconteceu aqui? Será que alguém pode me dizer o que aconteceu? Alguém declarou guerra às árvores sem me dizer? Quem é esse lenhador enlouquecido da caminhonete? Como se explica isso? A casa não é mais alugada? E a pessoa pode derrubar todas as árvores sendo só locatária da casa? Como é que a pessoa pode arrancar a parede de trás de uma casa que nem é dela? Ela deu algum jeito de comprar a casa sem ninguém saber? Como é que ela pôde fazer isso? Ela não consegue nem trocar uma lâmpada sem chamar o meu marido! ‘Desculpe incomodar na hora do jantar, Walter, mas quando eu aperto o interruptor não acontece nada. Você podia ir lá em casa ver o que é? E já que está aqui, meu bem, não quer me ajudar com o imposto? Preciso pagar amanhã, e o esmalte das minhas unhas ainda não secou.’ E como uma pessoa assim consegue uma hipoteca para comprar a casa? Não tem uma pilha de contas vencidas da Victoria’s Secret? Como é que ela pôde arranjar um namorado? Não tinha um sujeito gordo lá em Minneapolis? Será que alguém não devia dar a notícia para o sujeito gordo lá de longe?”

Foi só quando chegou à porta da família Paulsen, bem no final da sua lista de vizinhos a serem interrogados, que conseguiu algumas respostas. Merrie explicou que Carol Monaghan, de fato, não era mais inquilina da casa. A casa dela tinha sido uma das centenas de que a Secretaria de Habitação Municipal se apropriara ao longo dos anos de decadência, e agora estava vendendo a preço de banana.

“E como é que eu não fui informada?”, quis saber Patty.

“Você nunca perguntou”, disse Merrie. E não resistiu a acrescentar: “Você nunca demonstrou muito interesse por questões políticas”.

“E você está dizendo que saiu barato.”

“Muito barato. Sempre ajuda conhecer as pessoas certas.”

“E o que você acha disso?”

“Acho um absurdo, tanto do ponto de vista fiscal quanto filosófico”, disse Merrie. “E é esse um dos motivos pelos quais estou trabalhando com Jim Scheibel.”

“Sabe, eu sempre adorei este bairro”, disse Patty. “Adorava morar aqui, desde o começo. E agora, de uma hora para outra, estou achando tudo tão sujo e feio.”

“Não fique deprimida, procure participar das coisas”, disse Merrie, e lhe entregou alguns folhetos.

“Eu não queria estar na pele de Walter nessa hora”, observou Seth assim que Patty foi embora.

“Fico sinceramente satisfeita de ouvir você dizer isso”, rebateu Merrie.

“Fui só eu, ou você também percebeu um tom de descontentamento conjugal? Quer dizer, ajudar Carol a preencher as guias de imposto? Você sabia disso? Achei muito interessante, nunca tinha ouvido falar disso. E agora ele não foi capaz de proteger a linda vista que tinham das árvores de Carol.”

“É um caso típico de regressão ao reaganismo”, disse Merrie. “Ela achava que podia continuar vivendo numa bolha, criando um mundinho só dela. Uma casa de boneca.”

O puxado que emergiu da poça de lama do jardim de trás da casa de Carol, um pouco a cada fim de semana ao longo dos nove meses seguintes, lembrava um gigantesco hangar de barco com três janelas horrorosas pontuando suas extensões laterais plásticas. Carol e Blake se referiam a ele como “o grande salão”, um conceito até então inexistente em Ramsey Hill. Depois da polêmica das pontas de cigarro, os Paulsen tinham instalado uma cerca alta e plantado uma fileira de píceas ornamentais que desde então haviam crescido o suficiente para protegê-los daquele espetáculo. Só a perspectiva da casa dos Berglund não tinha nenhuma obstrução, e dali a pouco os demais vizinhos começaram a evitar as conversas com Patty, como nunca ocorrera antes, devido à sua fixação no que chamava de “hangar”. Acenavam da rua e diziam olá de longe, mas tomavam o cuidado de não reduzir a velocidade para não serem sugados. O consenso entre as mães que trabalhavam fora era que Patty tinha tempo de sobra além da conta. Antigamente, ela era ótima com as crianças, a quem ensinava jogos e trabalhos manuais, mas agora quase todos os meninos da rua estavam na adolescência. Por mais que ela tentasse preencher seus dias,

estava sempre ao alcance da visão ou dos sons da obra da vizinha. A intervalos de poucas horas, emergia de casa e andava de um lado para o outro de seu quintal, olhando para o grande salão como um animal cujo ninho tivesse sido perturbado, e às vezes, depois que anoitecia, ia bater na porta temporária do grande salão, feita de compensado.

“Oi, Blake, como vão as coisas?”

“Tudo caminhando.”

“É o que estou vendo! Mas sabe de uma coisa? Essa serra circular faz muito barulho, e já são oito e meia da noite. O que você acha de parar por hoje?”

“Não acho muito boa ideia.”

“E se por acaso eu pedisse para você parar?”

“Não sei. Que tal você me deixar acabar o trabalho?”

“Não acho bom, porque o barulho está me incomodando muito.”

“Então, sabe de uma coisa? Azar o seu.”

Patty emitiu uma risada alta e involuntária, parecida com um relincho. “Rá rá rá! Azar o meu?”

“É, escute aqui, me desculpe o barulho. Mas Carol me disse que vocês fizeram mais ou menos cinco anos de barulho quando reformaram a casa.”

“Rá rá rá. Não me lembro de Carol ter se queixado.”

“Porque vocês estavam fazendo o que precisavam fazer. Agora sou eu que estou fazendo o que preciso fazer.”

“Só que o que você está fazendo é muito feio. Desculpe, mas é quase assustador. É — horrível e assustador. Falando sério. Objetivamente. Não que o problema seja esse. O problema é a serra circular.”

“Você está numa propriedade particular, e agora precisa ir embora.”

“Está bem, então acho que vou chamar a polícia.”

“Nenhum problema, pode chamar.”

Dava para ver o vulto de Patty andando de um lado para o outro na entrada da garagem, tremendo de frustração. Chamou várias vezes a polícia para se queixar do barulho, e algumas vezes ela veio e os guardas conversaram com Blake, mas logo se cansaram dos chamados dela e só voltaram no mês de fevereiro, quando alguém rasgou os lindos e novos pneus de neve da F-250 de Blake, e Blake e Carol indicaram a casa dos vizinhos que haviam dado tantos telefonemas de queixa. O que resultou em Patty sair novamente andando pela

rua, batendo nas portas e resmungando: “Quer dizer que eu sou a suspeita mais óbvia? A mãe da casa ao lado com dois filhos adolescentes. Uma bandida perigosa, certo? Eu, a louca de pedra! Ele tem o carro maior e mais feio da rua, com adesivos que são um insulto para quase todo mundo que não faz parte do movimento da Supremacia Branca, mas, Deus do céu, que mistério, quem mais pode ter pensado em rasgar os pneus dele além de mim?”.

Merrie Paulsen estava convencida de que tinha sido exatamente Patty quem rasgara os pneus do carro de Blake.

“Não acho”, disse Seth. “Quer dizer, é óbvio que ela está passando um mau bocado, mas não é mentirosa.”

“Exatamente, mas também não ouvi Patty dizer com todas as letras que não tinha sido ela. Só posso esperar que ela tenha conseguido uma boa terapia em algum lugar. Bem que está precisando. De tratamento e de um bom emprego em tempo integral.”

“A minha pergunta é: onde anda Walter?”

“Walter está se matando para ganhar um salário suficiente para ela poder ficar em casa o dia inteiro e virar uma dona de casa maluca. Está sendo um bom pai para Jessica e pelo menos funciona como uma espécie de princípio da realidade para Joey. E eu diria que com isso não deve sobrar tempo para mais nada.”

A qualidade mais notável de Walter, além de seu amor por Patty, era a gentileza. Era o tipo de bom ouvinte que parecia achar qualquer um mais interessante e impressionante do que ele mesmo. Tinha a pele escandalosamente clara, um queixo fraco, cabelos cacheados de querubim, e usava os mesmos óculos de aro redondo desde sempre. Começara a carreira na 3M como advogado do departamento jurídico, mas não prosperou muito, sendo transferido para as áreas de filantropia e serviço comunitário, um beco sem saída corporativo em que a gentileza tinha grande valor. Na Barrier Street, vivia distribuindo entradas gratuitas para ótimos lugares em concertos de Arlo Guthrie com uma orquestra de câmara, e contando aos vizinhos as reuniões de que tinha participado com celebridades locais como Garrison Keillor e Kirby Puckett e, uma vez, Prince. Há pouco tempo, para surpresa geral, tinha deixado a 3M, tornando-se chefe de treinamento de uma ONG ecológica, a Nature Conservancy. Ninguém além dos Paulsen jamais suspeitara que ele pudesse cultivar tamanha reserva de insatisfação, mas Walter não se mostrava menos entusiasmado com a natureza do que com a vida cultural, e a única

mudança aparente em sua vida era a inédita escassez de sua presença nos fins de semana em casa.

Essa escassez pode ter sido um dos motivos pelos quais não interferiu, como se podia esperar, na batalha entre Patty e Carol Monaghan. Sua reação, quando se falava do assunto com ele à queima-roupa, era dar um riso nervoso. “Nessa questão eu mantengo certa neutralidade”, dizia ele. E na qualidade de observador neutro continuou por toda a primavera e o verão do segundo ano de Joey no curso colegial e pelo outono seguinte, quando Jessica seguiu para uma faculdade da Costa Leste e Joey saiu da casa dos pais e se mudou para a casa de Carol, Blake e Connie.

A mudança foi um gesto impressionante de sedição, e um punhal no coração de Patty — o começo do fim da vida dela em Ramsey Hill. Joey tinha passado os meses de julho e agosto em Montana, trabalhando na fazenda de um dos maiores doadores da Nature Conservancy, e tinha voltado com ombros largos de homem feito e mais cinco centímetros de altura. Walter, que normalmente não se gabava em público, tinha revelado ao casal Paulsen, num piquenique no mês de agosto, que o doador ligara para ele, dizendo como tinha ficado “abestalhado” com o destemor e a disposição infinita de Joey para o trabalho de derrubar bezerros e tocar os carneiros para um mergulho no tanque de tratamento. Já Patty, no mesmíssimo piquenique, já se mostrava com os olhos vazios de dor. Em junho, antes de Joey ir para Montana, ela o levara mais uma vez até o lago Sem Nome para ajudá-la a melhorar um pouco as condições da propriedade, e o único vizinho que os tinha visto lá descreveu uma tarde terrível em que presenciou mãe e filho se dilacerando sem parar, e tudo às vistas de quem quisesse assistir. Joey zombava dos maneirismos de Patty e, finalmente, a chamou de “idiota” na cara dela, ao que Patty respondeu: “Rá rá rá! Idiota! Meu Deus, Joey! A sua maturidade nunca deixa de me surpreender! Chamar sua mãe de idiota na frente dos outros! É irresistível em qualquer pessoa! Você virou mesmo um homem forte, grande e independente!”.

No fim do verão, Blake tinha quase acabado as obras do grande salão e começou a aparelhá-lo com um equipamento blakiano composto de um PlayStation, uma mesa de totó, um barril refrigerado para servir cerveja, uma TV de tela grande, uma mesa de hóquei, um lustre de vidro colorido dos Vikings e poltronas mecânicas. Os vizinhos só podiam imaginar o sarcasmo de Patty à mesa de jantar comentando essas atrações, e as declarações de Joey de que

estava sendo injusta e idiota, e as exigências furiosas de Walter para que pedisse desculpas a Patty, mas a noite em que Joey se transferiu para a casa ao lado não precisava ser imaginada, pois Carol Monaghan não se furtou de descrevê-la em voz alta e um tanto triunfante, para qualquer vizinho desleal aos Berglund a ponto de lhe dar ouvidos.

“Joey estava *tão calmo, tão calmo*”, disse Carol. “Juro por Deus, ficou frio feito uma pedra de gelo. Fui até lá com Connie para dar apoio e para todo mundo saber que eu sou totalmente a favor desse acerto, porque, sabe como Walter é, sempre preocupado com os outros, e ia se perguntar se não podia ser demais para mim. E Joey foi da maior responsabilidade, como sempre. Só queria deixar tudo em pratos limpos, com todas as cartas na mesa. Explicou que ele e Connie tinham conversado muito comigo, e eu disse a Walter — porque sabia que ele ia ficar preocupado —, disse a ele que nem precisava se incomodar com as compras. Blake e eu agora formamos uma família, e não temos o menor problema em alimentar mais uma boca, e Joey sempre ajuda com os pratos e o lixo e é muito arrumado, e além do mais, eu disse a Walter, ele e Patty foram sempre tão generosos com a Connie, que comia na casa deles e tudo o mais. Queria que isso ficasse claro, porque foram muito generosos quando a minha vida não estava muito organizada, e eu sempre me senti muito grata por isso tudo. E Joey é tão responsável, e tão calmo. E me disse que, como Patty não deixa Connie nem mesmo entrar na casa deles, ele não tem escolha se quiser ficar com ela, e então eu disse que apoio totalmente a relação deles — se pelo menos os outros jovens fossem tão responsáveis como eles dois, o mundo seria um lugar bem melhor — e como era muito melhor para eles ficar na minha casa, em segurança e com toda a responsabilidade, em vez de andar por aí se metendo em situações complicadas. Eu sou muito grata a Joey, ele sempre vai ser bem-vindo na minha casa. Foi o que eu disse a eles. E eu sei que Patty não gosta de mim, sempre me olhou de cima para baixo e torceu o nariz para Connie. Eu sei disso. Sei das coisas que Patty é capaz de fazer. E sei que ela estava se preparando para ter algum ataque. Aí ela ficou com a cara toda contorcida, e ela, ‘Você acha que ele está *apaixonado* pela sua filha?’. Numa voz muito aguda. Como se fosse impossível um garoto como Joey ser apaixonado por Connie, só porque eu não tenho diploma, essas coisas, ou minha casa é menor ou eu não venho de Nova York ou outro lugar assim, ou preciso trabalhar num emprego de tempo integral e religiosamente quarenta horas por semana,

ao contrário dela. Mas com Walter eu achei que dava para conversar. Na verdade ele é um docinho. Estava com a cara muito vermelha, achei que porque estava encabulado, e disse, ‘Carol, você e Connie precisam sair para a gente conversar em particular com Joey’. O que eu achei normal. Não fui lá criar problema, não sou de armar encrenca. Só que Joey não concordou. Disse que não tinha ido pedir permissão, mas só informar o que tinha decidido fazer, e que não tinha nada a discutir com eles. E foi aí que Walter perdeu a cabeça, completamente. Ficou tão enlouquecido que lágrimas corriam dos olhos dele — e isso é uma coisa que eu entendo, porque Joey é o caçula deles, e nem é por culpa de Walter que Patty é tão teimosa e resolveu tratar Connie tão mal que Joey não aguenta mais viver com eles. Mas começou a gritar a plenos pulmões, VOCÊ TEM SÓ DEZESSEIS ANOS E NÃO VAI SE MUDAR PARA LUGAR NENHUM ANTES DE TERMINAR O COLEGIAL. E Joey sorrindo para ele, frio feito uma pedra de gelo. Joey disse que não era contra a lei ele sair de casa, e que de qualquer maneira estava indo morar ali ao lado. Totalmente razoável. Quem me dera ter tido só um por cento da calma e da presença de espírito dele nos meus dezesseis anos. Ele é um garoto espetacular. Fiquei com pena de Walter, porque ele começou a berrar que não ia mais pagar os estudos de Joey, que Joey não ia poder voltar a Montana no ano que vem, e que ele só estava pedindo que Joey viesse jantar em casa e dormir na cama dele e fazer parte da família. E Joey só, ‘Mas eu ainda faço parte da família’, e na verdade, aliás, nunca disse que não fazia. Mas Walter saiu andando pela cozinha, batendo os pés, e por algum tempo achei que fosse atacar Joey, mas só perdeu totalmente o controle, e começou a berrar, FORA DAQUI, FORA DAQUI, NÃO QUERO MAIS SABER, FORA DAQUI, e depois saiu da cozinha e eu o ouvi andando pelo quarto de Joey, abrindo as gavetas ou coisa assim, Patty sobiu as escadas correndo e eles começaram a gritar um com o outro, e Connie e eu abraçamos Joey, porque ele é a única pessoa razoável daquela família e ficamos com pena dele, e foi aí que eu vi que ele vir morar com a gente realmente a escolha certa para ele. Walter desceu as escadas de novo batendo com os pés no chão, e ouvimos Patty berando como uma louca — tinha perdido de vez a cabeça — e Walter recomeçou a berrar, ESTÁ VENDO O QUE VOCÊ FEZ COM A SUA MÃE? Porque no fim das contas o problema todo é ela, entendeu, ela sempre acaba sendo a vítima. E Joey ficou ali parado, sacudindo a cabeça, porque é tudo tão óbvio. Por que ele haveria de querer viver naquele lugar?”

Embora alguns dos vizinhos tenham sem dúvida ficado satisfeitos com o fato de Patty colher a tempestade de um filho tão fora do comum, ainda assim ninguém jamais tinha gostado muito de Carol Monaghan na Barrier Street. Blake era considerado uma lástima, Connie todo mundo achava um tanto assustadora, e não havia quem confiasse muito em Joey. À medida que a notícia de sua insurreição começou a correr, as emoções que prevaleciam entre o povo de Ramsey Hill eram a compaixão por Walter, a ansiedade em torno da saúde psicológica de Patty e uma sensação predominante de alívio e gratidão por terem os filhos normais que tinham — como achavam bom aceitar a generosidade dos pais, como pediam ajuda inocentemente com seus deveres ou quando preenchiam seus formulários de candidatura a uma universidade, como concordavam em telefonar para dizer aonde tinham ido depois das aulas, como eram reveladores de suas pequenas mágoas cotidianas, como eram reconfortantemente previsíveis em seus embates com o sexo, a maconha e o álcool. A dor que emanava do lar dos Berglund era *sui generis*. Walter — sem saber, pelo menos todo mundo esperava, da ampla divulgação dada por Carol ao episódio em que tinha “perdido a cabeça” — reconheceu encabulado para vários vizinhos que ele e Patty tinham sido “demitidos” do cargo de pais, e que tentavam fazer o possível para não considerar o ato como algo pessoal. “De vez em quando ele vem estudar em casa”, disse Walter, “mas agora parece que está preferindo passar as noites na casa de Carol. Vamos ver quanto isso dura.”

“E Patty com isso tudo, como está indo?”, perguntou Seth Paulsen.

“Nada bem.”

“Um dia desses vamos ver se vocês dois vêm jantar em casa.”

“Ótima ideia”, disse Walter, “mas acho que Patty vai passar um tempo na casa antiga da minha mãe. Ela está reformando a casa, sabe.”

“Estou preocupado com ela”, disse Seth com segundas intenções quase perceptíveis.

“Eu também, um pouco. Mas já vi Patty jogar basquete com muita dor. Ela arrebentou o joelho no primeiro ano da faculdade e ainda assim tentou jogar mais duas partidas sem tratamento.”

“Mas depois disso não teve de fazer uma operação que, hã, acabou com a carreira dela?”

“Eu estou falando do quanto ela é resistente, Seth. De ser capaz de ir em frente sentindo dor.”

“Entendi.”

Walter e Patty nunca foram jantar na casa dos Paulsen. Patty se manteve distante da Barrier Street, refugiada no lago Sem Nome, por longos períodos do inverno e da primavera seguintes, e, mesmo quando o carro dela estava parado diante de casa — por exemplo, no Natal, quando Jessica veio da faculdade e, segundo suas amigas, teve um “arranca-rabo” com Joey que resultou em fazê-lo passar mais de uma semana em seu antigo quarto, dando à poderosa irmã o período de Festas que ela queria —, Patty evitava as reuniões de vizinhos em que os biscoitos que fazia e a afabilidade que demonstrava eram antes constantes e tão bem-vindos. Às vezes era vista recebendo mulheres na faixa dos quarenta anos que, com base em seus penteados e nos adesivos que exibiam em seus Subarus, deviam ser antigas companheiras de basquete, e falava-se novamente que andava bebendo, mas era quase só uma fofoca, pois, apesar de seu comportamento sempre amistoso, ela nunca tinha feito uma amizade próxima e verdadeira em Ramsey Hill.

No ano-novo, Joey voltou para a casa de Carol e Blake. Boa parte do atrativo daquela casa era, supostamente, a cama que compartilhava com Connie. Joey era famoso entre os amigos por fazer uma oposição bizarra e militante à masturbação, e a mera menção da atividade nunca deixava de provocar nele um sorriso condescendente; alegava ter a ambição de ir até o fim da vida sem recorrer a ela. Vizinhos mais perspicazes, entre eles os Paulsen, suspeitavam que Joey gostava muito de ser a pessoa mais inteligente da casa. Transformou-se no príncipe do grande salão, cujos prazeres facultava a todos que favorecia com sua amizade (além de converter o barril de cerveja sem supervisão num tema de debate obrigatório nos jantares em família de todo o bairro). Seu comportamento com Carol beirava desconfortavelmente o galanteio, e Blake ele seduziu se apaixonando por todas as coisas que o próprio Blake adorava, sobretudo suas ferramentas elétricas e a picape, ao volante da qual aprendeu a dirigir. Pela maneira irritante como sorria do entusiasmo de seus colegas por Al Gore e pelo senador Wellstone, como se o liberalismo fosse uma fraqueza comparável ao autoabuso sexual, ele dava inclusive a impressão de ter adotado parte das opiniões políticas de Blake. No verão seguinte, foi trabalhar como operário de construção, em vez de voltar a Montana.

E todo mundo ficou com a impressão, justa ou injusta, de que Walter — a gentileza de Walter — era de algum modo responsável por tudo. Em vez

de arrastar Joey de volta para casa pelos cabelos e obrigá-lo a se comportar, ele submergiu em seu trabalho na Nature Conservancy, onde bem depressa chegou a diretor executivo da seção estadual, deixando a casa vazia noite após noite, permitindo que os canteiros de flores fossem tomados pelas ervas daninhas e as sebes ficassem sem poda e as janelas, imundas, e a suja neve urbana engolisse o letreiro torto com o nome GORE LIEBERMAN ainda cravado no jardim diante da casa. Até os Paulsen deixaram de se interessar pela família Berglund, agora que Merrie decidira concorrer ao conselho municipal. Patty passou todo o verão seguinte no lago Sem Nome, e logo depois de voltar — um mês depois de Joey partir para a Universidade da Virgínia em circunstâncias financeiras desconhecidas em Ramsey Hill, e duas semanas depois da grande tragédia nacional —, um cartaz dizendo VENDE-SE surgiu na fachada da casa vitoriana em que ela e Walter tinham despendido metade de suas vidas. Walter já começara a se deslocar com frequência para um novo emprego em Washington. Embora os preços dos imóveis logo viessem a subir a alturas sem precedentes, o mercado local ainda estava próximo do ponto mais baixo a que chegara logo depois do Onze de Setembro. Patty supervisionou a venda da casa, por um preço desastroso, a um empolgado casal de profissionais liberais negros com filhos gêmeos de três anos de idade. Em fevereiro, o casal Berglund percorreu a vizinhança de porta em porta pela última vez, despedindo-se de todos com uma formalidade cortês; Walter perguntou pelos filhos de todos e manifestou seus melhores votos para cada um, enquanto Patty falava pouco mas exibia uma aparência estranhamente renovada, lembrando a jovem que empurrava seu carrinho pela rua antes mesmo que aquela vizinhança fosse um bairro digno do nome.

“É um prodígio”, assinalou depois Seth Paulsen para Merrie, “que esses dois ainda estejam juntos.”

Merrie sacudiu a cabeça. “Acho que eles ainda não conseguiram entender como é a vida.”